

A transmissão dos significados atribuídos ao casamento entre diferentes gerações familiares

The transmission of the meanings attributed to marriage between different family generations

Junia Denise Alves-Silva

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Fabio Scorsolini-Comin*

Universidade de São Paulo

Resumo: Este estudo de casos múltiplos objetivou compreender de que modo os significados atribuídos ao casamento são transmitidos entre três gerações familiares. Participaram seis mulheres pertencentes a três gerações de duas famílias, com idades entre 28 e 90 anos, todas casadas. Foram realizadas entrevistas presenciais e individuais. Foram construídos genogramas com a participação de membros das três gerações. As entrevistas foram submetidas à análise temático-reflexiva e os genogramas interpretados a partir do referencial familiar sistêmico. Todas as participantes estão entre os filhos mais velhos em suas famílias de origem, sendo três delas as primogêniticas. Para estas, especialmente, ficou a responsabilidade de cuidado em relação aos irmãos mais novos, como se tivessem uma tarefa parental sobre eles. Os resultados destacaram a influência familiar no vínculo conjugal e a transmissão das heranças familiares. Os mecanismos para a transmissão dos significados do casamento foram a aprendizagem de comportamentos ligados ao feminino, compartilhamento de experiências cotidianas, tradições familiares e padrões relacionais reforçados na família e socialmente. Expectativas anteriores ao matrimônio e a bagagem das famílias de origem foram evidenciadas nos papéis sociais e resolução de conflitos. Destacaram-se questões transgeracionais e de gênero para entender a transmissão de conteúdos como forma de manter o legado familiar.

Palavras-chave: família; casamento; padrões de casamento; dinâmica familiar; transmissão psíquica entre gerações.

Abstract: This multiple case study aimed to understand how the meanings attributed to marriage are transmitted between three family generations. Six women belonging to three generations of two families, aged between 28 and 90 years, all married, participated. Face-to-face, individual interviews were conducted. Genograms were constructed with the participation of members of the three generations. The interviews were submitted to thematic-reflexive analysis and the genograms interpreted from the family systemic referential. All the participants are among the oldest children in their families of origin, three of them being the first-born. For them, especially, the responsibility of caring for the younger siblings remained, as if they had a parental task over them. The results highlighted the family influence on the conjugal bond and the transmission of family inheritance. The mechanisms for the transmission of the meanings of marriage were the learning of behaviors linked to femininity, sharing of

* Correspondência para: Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto, SP, CEP 14040-902. Email: fabio.scorsolini@usp.br

daily experiences, family traditions and relational patterns reinforced in the family and socially. Expectations prior to marriage and the baggage of the families of origin were evidenced in social roles and conflict resolution. Transgenerational and gender issues were highlighted in order to understand the transmission of contents as a way to maintain the family legacy.

Keywords: family; marriage; wedding patterns; family dynamics; psychic transmission between generations.

Introdução

Os relacionamentos amorosos, entre eles o casamento, têm sido cada vez mais investigados como forma de se apreender as transformações nos domínios da intimidade e também de apropriação da família acerca de aspectos sociais, culturais e históricos vislumbrados na contemporaneidade. Estudos no campo da família têm pontuado a importância das experiências vivenciadas no grupo familiar e seu papel na constituição e manutenção da conjugalidade (Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2022; Coutinho & Menandro, 2010; Grizólio, Santos, & Scorsolini-Comin, 2020; Quissini & Coelho, 2014; Schulz & Colossi, 2020), além das frequentes mudanças nas configurações familiares e a necessidade de constantes reorganizações para ser possível acompanhá-las e, assim, recompor o mundo (Pereira & Freitas, 2020).

Na perspectiva sistêmica, Bowen (1989) considera a família como uma combinação de sistemas emocionais e relacionais, na qual o termo emocional se refere à energia que move o sistema, e relacional às formas como este sistema se expressa. A família engloba aqueles que se ligam por sua história legal, cultural e emocional, considerando ainda a tendência de que as interações familiares sejam padronizadas e repetitivas (McGoldrick, Gerson, & Petry, 2012).

O casamento é considerado uma instituição social, perpassando transformações históricas, socioeconômicas e políticas. A relação conjugal une dois sistemas complexos que originam um novo sistema, o qual é constituído pela interação de duas individualidades e do que cada cônjuge traz da experiência que teve em sua família de origem (McGoldrick, 2011). Os processos transmitidos pela família de geração a geração

e que se mantêm presentes ao longo da história familiar podem ser entendidos como transgeracionalidade (Falcke & Wagner, 2014).

A transgeracionalidade é retratada em diferentes estudos (Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2021; Azevedo, 2022; Colossi, Marasca, & Falcke, 2015; Scorsolini-Comin & Santos, 2016; Tondowski et al., 2014), especialmente sobre as temáticas de violência, transtornos alimentares, dependência química, relações familiares e escolha profissional, além da influência das experiências familiares na escolha, constituição e manutenção da conjugalidade (Coutinho & Menandro, 2010; Pereira & Silva, 2013; Razera, Bedim, Mosmann, & Falcke, 2022).

Compreender a transmissão transgeracional de significados sobre a conjugalidade é entender que se trata de um fenômeno que acontece na família e na interação de seus subsistemas (casal, pais e filhos, irmãos, avós-pais-filhos, entre outros) (McGoldrick, 2011). Esses significados dão sentido às experiências de vida e podem ser compartilhados pelas gerações familiares. É necessário ter em vista que as famílias tendem a repetir a si mesmas, considerando o papel formador das figuras familiares sobre normas e papéis sociais (Gorin, Mello, Machado, & Féres-Carneiro, 2015), ou seja, os comportamentos esperados para cada gênero, e que os padrões se apresentam como modos de funcionamento compartilhados pelos membros do grupo familiar (McGoldrick et al., 2012). Sendo assim, a investigação desses significados e dos modos de transmissão se mostra importante tanto em nível individual – para entender as ideias e representações sobre a conjugalidade – quanto em nível familiar, considerando a transmissão transgeracional de significados sobre o que é ser família e ser casal.

Os pais são referências de como se relacionar no contexto conjugal, seja como uma relação para se repetir ou para fazer o contrário, e assumem um papel de importância na vida dos filhos, sendo os primeiros a estabelecer relações de afeto e por oferecerem modelos de como ser um casal (Menezes & Lopes, 2007), considerando que a vivência da etapa conjugal é uma possibilidade no ciclo de vida das pessoas. Para

Carter e McGoldrick (2011), o ciclo vital da família é um processo no qual o grupo familiar passa por expansões, contrações e realinhamentos em seu sistema de relacionamentos para lidar com a entrada, saída e desenvolvimento de seus membros, a fim de compreender o relacionamento entre as gerações da família, sem a intenção de promover um estereótipo rígido de “normalidade”. Essas mesmas autoras sugerem seis estágios que costumam estar presentes no desenvolvimento do ciclo de vida familiar, tendo como base famílias da classe média americana, como o lançamento do jovem adulto solteiro em busca de independência, a união das famílias de origem dos jovens por meio de seu casamento, a ampliação da família com a chegada dos filhos, a entrada dos filhos na fase da adolescência, a chegada ao meio da vida, quando os filhos são lançados em busca de sua independência, e a chegada da família ao estágio tardio da vida. A fase do ciclo de vida que vivencia e o ponto em que a pessoa está localizada em sua estrutura familiar podem influenciar seu funcionamento próprio, seus padrões de relação e a família que poderá constituir na geração seguinte (McGoldrick et al., 2012).

As tradições familiares são reconhecidas de uma geração para outra e estão quase sempre ancoradas em padrões rígidos de transmissão cultural, mas que garantem a sobrevivência da família em meio às transformações sociais. Os comportamentos ritualizados das famílias apresentam-se como mecanismos essenciais para a transmissão e o reforço das normas sociais (como padrões de comportamento moralmente significativos), pois vinculam emocionalmente os membros entre si e os valores compartilhados pelo grupo (Rossano, 2012).

A partir dessas considerações sobre família, transgeracionalidade e casamento, faz-se importante investigar o modo como os significados atribuídos ao casamento são transmitidos entre as gerações familiares, considerando-se a influência dos padrões familiares na escolha do parceiro, na constituição e na manutenção da conjugalidade, o que reflete diretamente na organização macrossocial. Assim, este estudo teve por

objetivo compreender de que modo os significados atribuídos ao casamento são transmitidos entre três gerações familiares.

Método

Tipo de estudo

Trata-se de estudo de casos múltiplos desenvolvido em uma abordagem qualitativa. O estudo de caso busca investigar um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, assumindo que esse entendimento pode englobar condições contextuais pertinentes ao caso e contando com múltiplas fontes de evidência. Sendo um estudo de casos múltiplos, utiliza-se da estratégia de síntese de casos cruzados (Yin, 2015). Para garantir a validade do estudo qualitativo foi seguido o protocolo COREQ – *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (Tong, Sainsbury, & Craig, 2007).

Participantes

Foram convidadas a participar do estudo pessoas que atendiam aos seguintes critérios de inclusão: (a) pessoas de mesmo sexo/gênero de três gerações de uma mesma família, correspondendo aos seguintes papéis: avô, pai e filho ou avó, mãe e filha. Esse critério foi pensado considerando a influência de fatores históricos e sociais que participam da construção dos papéis de gênero e da coexistência de valores tradicionais e modernos sobre os modos de ser família e viver a conjugalidade; (b) os três membros da família deveriam manter um relacionamento conjugal (casamento civil ou união estável) pelo tempo mínimo de dois anos. O objetivo de selecionar exclusivamente pessoas casadas ou em união estável é destacar quem vivencia a experiência conjugal, considerando a influência da fase de seu ciclo de vida e a cotidiana reconstrução e adaptação que os relacionamentos exigem para o equilíbrio entre individualidades e conjugalidade. Não houve restrições quanto ao grau de escolaridade ou aspectos

socioeconômicos. Mesmo sem delimitar a questão de sexo/gênero, só foram localizadas participantes mulheres, o que acabou sendo uma característica relevante deste estudo, conforme será discutido posteriormente.

As participantes foram recrutadas a partir de contatos realizados na região do Triângulo Mineiro, Estado de Minas Gerais, Brasil. Após um ano e meio de buscas a partir de diferentes estratégias (divulgação em redes sociais, buscas ativas a partir de indicações) foram encontradas apenas três famílias aptas (nove mulheres), considerando a complexidade de recrutar participantes que correspondessem aos critérios de inclusão e que aceitassem participar da pesquisa. Uma dessas famílias interrompeu sua participação sem que todos os procedimentos tivessem sido realizados. Dessa forma, o *corpus* deste estudo foi composto por duas famílias de mulheres, totalizando seis participantes, todas casadas e pertencentes a três gerações da mesma família.

Instrumentos

Foram empregados os seguintes instrumentos:

(a) Genograma: registro gráfico que reúne informações sobre uma família e seus membros, mostrando sua estrutura, funcionamento e padrões de relações por pelo menos três gerações (McGoldrick et al., 2012). O uso clínico do genograma permite acessar o material familiar emocionalmente carregado. É uma forma prática de envolver as famílias no tratamento, pensando-o sistemicamente, organizar suas experiências, reestruturar e esclarecer questões familiares, servindo como auxílio psicoeducacional para conhecimento desses padrões e libertando os membros do grupo para outras vivências no futuro. O uso do genograma como instrumento de pesquisa ressalta seu potencial de rastrear informações em um formato gráfico simples. Os genogramas são adequados para a pesquisa qualitativa, nas quais os dados são coletados de forma que privilegiam ouvir a opinião dos participantes da pesquisa e os incentiva a contar suas histórias de vida. Eles também se mostram adequados para a pesquisa quantitativa, pois

os softwares de genogramas que incluem bases de dados aumentam a capacidade de armazenamento, gerenciamento e análise de informações complexas (McGoldrick et al., 2012). Para o presente estudo, o programa GenoPro foi utilizado para a construção digital dos genogramas após as coletas de dados.

(b) Entrevista semiestruturada com o participante: Trata-se de um roteiro de entrevista semiestruturada elaborado pelos próprios pesquisadores a partir dos objetivos deste estudo. Esse formato foi eleito a fim de manter em foco o tema de interesse da pesquisa, mas também permitir que as entrevistadas tivessem liberdade para responder às perguntas e acrescentassem elementos que, porventura, não tivessem sido previstos pelos pesquisadores na elaboração do instrumento e que se mostrassem relevantes durante o encontro para a coleta de dados e a partir da interação com a pesquisadora no acontecer da entrevista (Scorsolini-Comin, 2016). Em linhas gerais, foram coletados dados referentes à idade dos cônjuges, escolaridade, emprego/ocupação, religião, etapa do ciclo vital, tempo e história do relacionamento conjugal, história da família de origem, influência familiar na constituição e manutenção do vínculo conjugal, além de suas dificuldades e possibilidades.

Procedimentos

Coleta de dados. Após contato prévio com as participantes, a partir das indicações sociais, as entrevistas foram agendadas e realizadas somente após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A técnica da “bola de neve” foi escolhida para este estudo por ser utilizada em pesquisas qualitativas para alcançar amostras não probabilísticas, ou seja, utilizando de redes de referências e indicações de grupos difíceis de serem acessados (Vinuto, 2014). Este foi o caso do presente estudo devido aos critérios pré-estabelecidos. Os dados foram coletados nas residências das participantes, a partir de sua própria escolha, em virtude de suas casas serem ambientes de confiança para elas e que asseguraram sua privacidade, conforto material e

psicológico. As entrevistas foram realizadas presencialmente por uma psicóloga clínica alinhada à abordagem sistêmica e que possui vasta experiência na realização de pesquisas sobre a conjugalidade e com experiência em entrevistas.

O roteiro de entrevista semiestruturada foi aplicado presencialmente e de modo individual com cada uma das participantes, em um primeiro encontro, enquanto o genograma foi construído conjuntamente com os três membros da família em um segundo momento, por se tratar de uma representação gráfica do referido grupo. A construção conjunta do genograma favoreceu a recuperação de informações e disparou reflexões a partir da interação das três gerações. Os dois momentos (entrevistas individuais e construção do genograma) foram audiogravados, mediante o consentimento das participantes. As entrevistas foram transcritas na íntegra para posterior análise, constituindo o *corpus* do estudo, enquanto os genogramas foram digitalizados para o programa GenoPro, a fim de obter uma construção mais padronizada dos dados coletados.

Análise dos dados. Para a organização do *corpus* analítico formado pelas entrevistas foram utilizados os procedimentos da análise temático-reflexiva (Braun & Clarke, 2019). Os temas foram produzidos a partir da concordância entre dois juízes, sendo uma delas a pesquisadora que realizou e transcreveu as entrevistas e o outro o orientador da pesquisa, também psicólogo. Para a análise do genograma foram empregados os procedimentos de McGoldrick et al. (2012). A análise e a interpretação dos dados foram pautadas na perspectiva sistêmica, especificamente em termos do conceito de transgeracionalidade, tendo como base os estudos desenvolvidos por Bowen (1989), Carter e McGoldrick (2011) e McGoldrick et al. (2012), bem como na literatura sobre família e conjugalidade (Falcke & Wagner, 2014; Gorin et al., 2015; Scorsolini-Comin & Santos, 2016).

Disposições éticas

Em atenção à Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, o projeto que deu origem a este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (CAAE 70796917.9.0000.5154).

Resultados e Discussão

A descrição dos resultados e a discussão dos mesmos estão organizadas em dois momentos. Em um primeiro momento serão apresentadas as duas famílias investigadas, com uma breve descrição de suas estruturas e modos de funcionamento. Em um segundo momento serão descritos e analisados os temas construídos a partir da análise temático-reflexiva realizada de modo integrado entre as famílias: (a) Influência familiar na construção do vínculo conjugal, em que se discute sobre o papel da família e do casamento dos pais na construção da conjugalidade dos filhos; (b) O casamento como um atualizador de heranças familiares, que coloca em destaque a transgeracionalidade.

Em termos da caracterização das participantes e composição dos casos, duas famílias (A e B) participaram deste estudo, sendo que cada geração foi identificada com um número (1 para a geração das avós; 2 para a geração das mães; 3 para a geração das filhas). Quanto às etapas do ciclo vital familiar, ressalta-se que A1, B1 e B2 vivenciam o estágio tardio da vida, A2 vivencia o lançamento dos filhos e seguindo em frente, B3 vivencia a etapa com filhos pequenos e adolescentes, enquanto A3 vivencia a formação do novo casal a partir do casamento, conforme proposta de ciclo vital de Carter e McGoldrick (2011). A caracterização completa das participantes encontra-se na Figura 1.

Tabela 1.

Caracterização das participantes

Caso	Nome	Idade	Casamento	Tempo de casamento	Filhos	Religião	Escolaridade	Profissão
Caso A	A1	74 anos	Civil e religioso	57 anos	5	Católica e Espírita	Fundamental incompleto	Do lar Costureira
	A2	52 anos	Civil e religioso	30 anos	3	Católica	Pós-Graduação	Pedagoga
	A3	28 anos	Civil e religioso	5 anos	0	Espírita	Superior completo	Policia Militar
Caso B	B1	90 anos	Civil e religioso	64 anos	8	Católica	Alfabetizada	Do lar Plantio de café
	B2	63 anos	Civil e religioso	37 anos	3	Católica	Médio completo	Servente escolar
	B3	36 anos	União estável	18 anos	2	Católica	Superior completo	Fisioterapeuta

Descrição do Caso A

Compõem a família A deste estudo: A1 (74 anos de idade, 57 anos de casamento, mãe de cinco filhos, avó de 12 netos e bisavó de oito bisnetos), A2 (filha de A1, 52 anos de idade, 30 anos de casamento, mãe de três filhos) e A3 (filha de A2 e neta de A1, 28 anos de idade, cinco anos de casamento). O genograma da família A é representado na Figura 2.

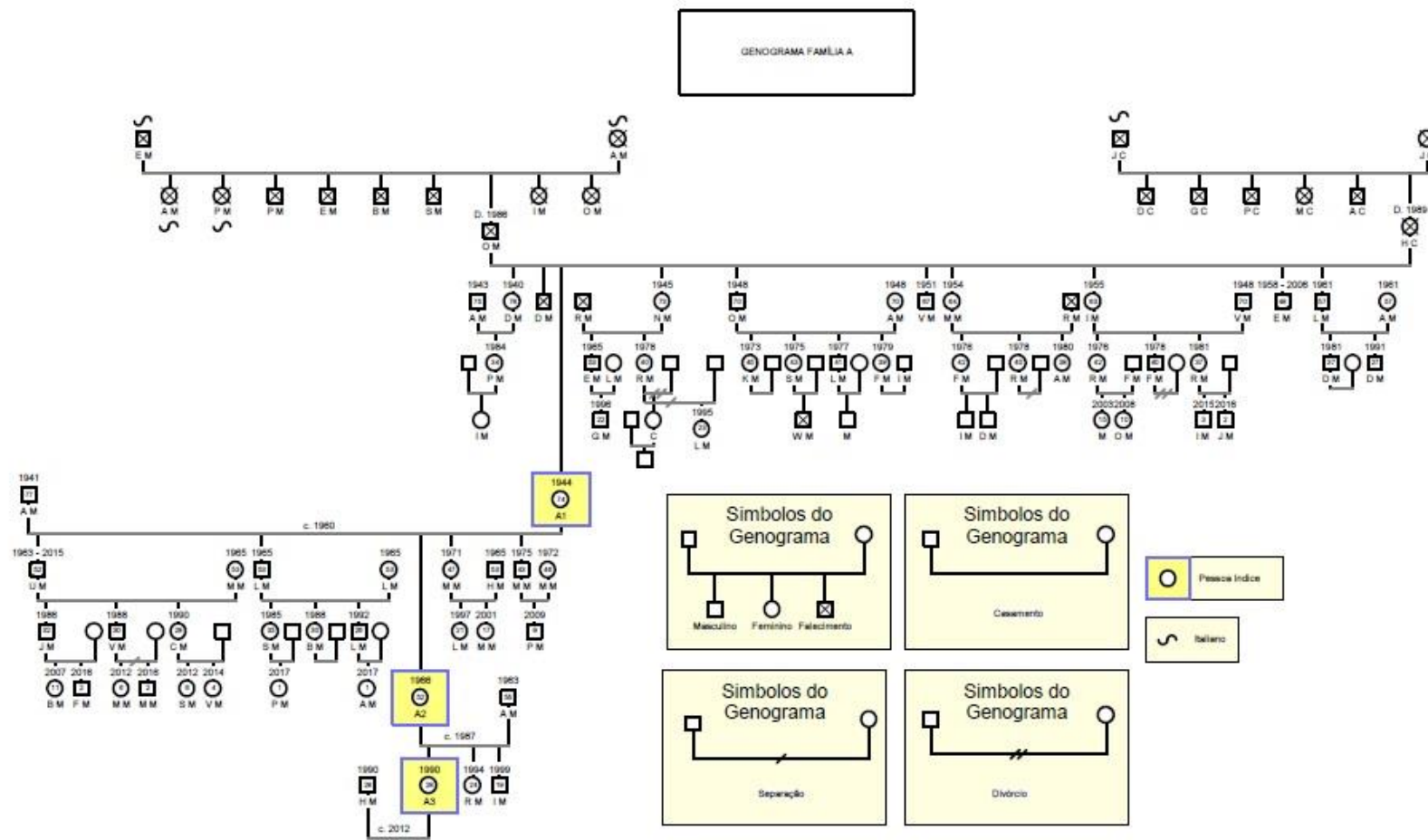


Figura 2. Genograma da Família A

Percebe-se que as opiniões sobre ser família e os valores compartilhados pelo grupo convergiram entre A1, A2 e A3. Conforme pode ser observado no genograma da família A, houve um predomínio de relações heterossexuais e de famílias consideradas tradicionais/conservadoras, além de uma tendência na realização de casamentos civis e religiosos, principalmente professados no catolicismo. O genograma ilustrou poucas separações e divórcios (quando observado o número total de casamentos deste grupo) e nenhuma indicação de união estável.

Considerando que as participantes A1 e A2 indicaram seguir o catolicismo, é possível indicar a influência da crença religiosa de indissolubilidade do casamento na constituição e manutenção dos vínculos conjugais nesta família. Apesar dessa padronização de configurações conjugais, as entrevistas trouxeram certo distanciamento nas ideias mencionadas por elas sobre a vivência da conjugalidade. As participantes enfatizaram a importância dessa instituição em suas vidas e a forma como buscaram vivenciar essa experiência, porém a principal diferença entre os relatos das três se deve ao modo como essas mulheres construíram e vivenciam sua conjugalidade, além da transformação dessa experiência para cada geração ao longo do tempo.

No começo tudo são flores, né? Depois os espinhos começam a aparecer. (...) Casamento não é fácil! Vida dura! Tem que ter tolerância, paciência dos dois lados. Não é só cobrar do outro, porque a gente tem defeitos também (...). (A1, 74 anos).

Eu sou muito tradicional também. Isso a gente vai, vai carregando, né? Mas não tanto quanto eles. (...) Sou bem mais flexível. (A2, 52 anos).

Não tô com uma pessoa só pra ela me sustentar. Eu quero conviver, eu quero crescer junto. (...) você põe numa balança e esse relacionamento tem que tá sempre positivo. (A3, 28 anos).

Descrição do Caso B

A família B deste estudo é composta pelas participantes B1 (90 anos de idade, 64 anos de casamento, mãe de oito filhos, avó de 18 netos e bisavó de 21 bisnetos), B2 (filha de B1, 63 anos de idade, 37 anos de casamento, mãe de três filhas e avó de cinco netos) e B3 (filha de B2, neta de B1, 36 anos de idade, 18 anos de casamento, mãe de duas filhas). A influência da família na construção da conjugalidade ficou evidente nas entrevistas das três gerações da família B, que trouxe uma visão do casamento como a alternativa possível para a mulher como ancorada em aspectos históricos e sociais que definem a diferenciação de gênero por meio de processos que normatizam essas relações entre homens e mulheres. Essa normatização pode ser percebida quando as participantes afirmam que não pensavam muito sobre o casamento (como no caso de B1 e B2), porém a importância dessa instituição para construir a identidade feminina e a necessidade de que essa experiência fosse parte do ciclo de vida dessas mulheres ficou evidente (Coutinho & Menandro, 2010).

Casamento nenhum é perfeito, não existe. Eu acho que todo casamento tem altos e baixos, (...) então você tem que segurar nas mãos de Deus e assim mesmo você manter a coisa. (...) Porque aí vem filho, aí você tem que dividir tempo com marido e filho. Já vêm outros problemas, né? E a gente vai ficando meio cansada de tudo. (B2, 63 anos).

Casamento é (...) saber conviver duas pessoas, às vezes com pensamentos completamente diferentes (...). Cada um tem seus valores que traz das suas famílias e tem que juntar os dois, por na balança, equilibrar (...). Muito amor (risos), muita paciência, porque não é fácil. (B3, 36 anos).

Por ser um grupo muito numeroso, a família B não mencionou os relacionamentos conjugais dos sobrinhos de B1 durante a construção conjunta do genograma (Figura 3) devido a tal tarefa exigir memórias já não facilmente acessadas por ela e de desconhecimento de B2 e B3. Conforme observado no genograma da família B, houve um predomínio de casamentos civis e religiosos, especialmente entre a primeira e a segunda geração. A indicação de divórcios e uniões estáveis apareceu somente entre os membros mais novos da segunda geração (irmãos de B2) e especialmente entre os membros da terceira geração (netos de B1). Entre os 16 relacionamentos conjugais mencionados na terceira geração da família, foram indicados oito casamentos civis ou civis e religiosos, quatro separações e quatro uniões estáveis, incluindo o relacionamento de B3.

Nós antigos casamos pra ficar casados a vida inteira. Não casamos pra separar amanhã (...) Às vezes acontece situação que não tem como, né? (...), mas nós casamos com esse intuito de ficar casado com uma pessoa só. (B2, 63 anos).

No meu ponto de vista, o que eles acham é que (...) Você casou, você não separa. Independente do relacionamento, é pra vida inteira. (...) É o que a minha avó fala pra nós até hoje. Diferente do que eu penso. (...) a mulher submissa ao homem, tem que obedecer o homem. Foi o que elas passaram pra nós. Minha mãe e minha avó. (B3, 36 anos).

Os valores religiosos eram compartilhados por toda a família. (...) Tinha que ser religioso. Não podia ser só no civil. (...) porque na realidade o civil é só a parte material, né? A parte religiosa só vem no casamento na Igreja. (B2, 52 anos).

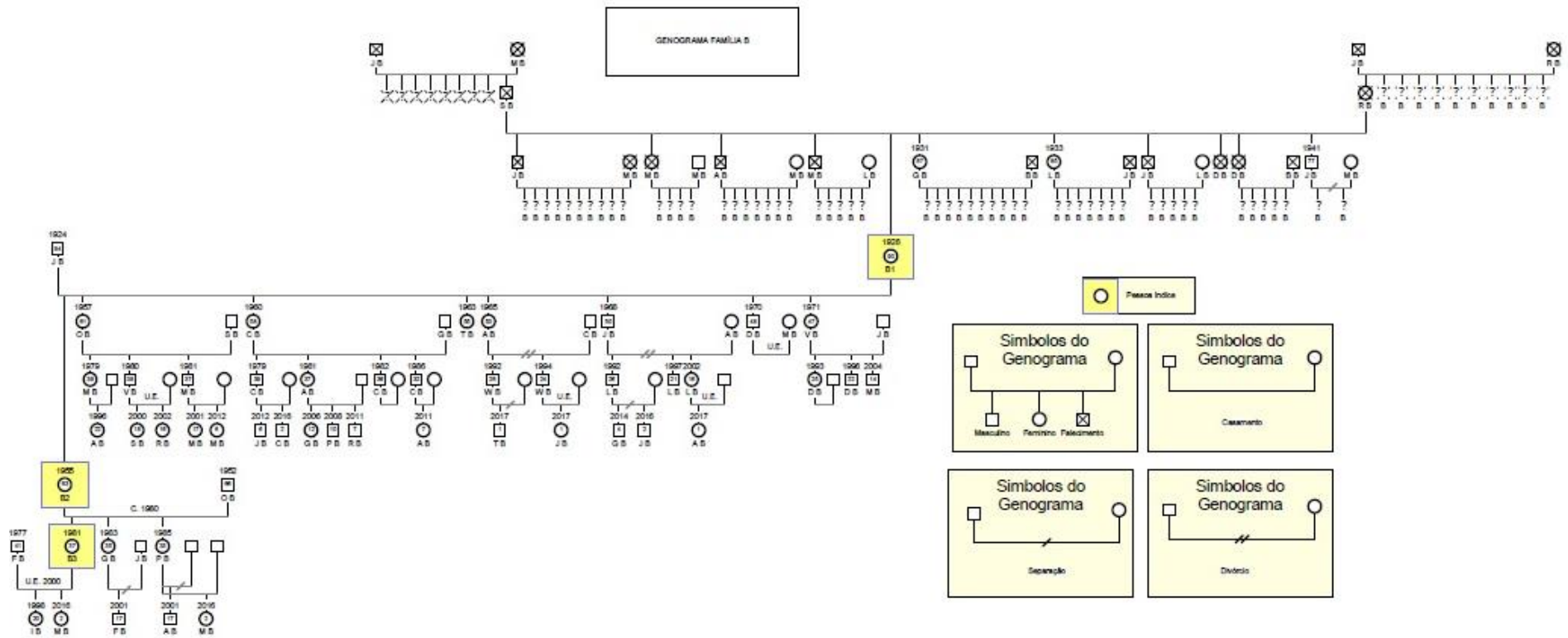


Figura 3. Genograma da Família B

Influência familiar na construção do vínculo conjugal

Conforme pode ser observado nos casos A e B, a família constrói uma identidade a partir de vivências cotidianas que articulam um modo próprio daquele grupo de interpretar as experiências, mas que não necessariamente impede que cada membro tenha sua história particular. A inter-relação entre as histórias pessoais e as histórias das famílias destaca a preexistência de um legado familiar que é transmitido transgeracionalmente (Falcke & Wagner, 2014) e que influenciou, no caso deste estudo, a compreensão da vivência familiar e conjugal.

Por terem sido construídos em conjunto pelas três gerações, os genogramas também permitiram uma articulação entre as vivências das participantes, de modo a complementarem as histórias entre si e poderem visualizar o passo a passo da montagem do instrumento. Ambas as famílias demonstraram satisfação em visualizar suas experiências em um formato gráfico e solicitaram acesso aos genogramas para guardarem de recordação. Esse fator pode ser considerado como um elemento que ressalta a valorização da família e das experiências que foram compartilhadas ao longo dos anos, como os casamentos e os nascimentos, o que também foi amplamente retratado nas entrevistas das seis participantes. Destacar a inter-relação das diferentes gerações valoriza o reconhecimento das identidades geracionais, tanto no momento de coleta de dados individual quanto no momento conjunto de construção do genograma, já que é necessário um olhar atento às maneiras distintas que homens e mulheres de diferentes gerações investiram e investem em projetos individuais e familiares, além da diferença de percepção, sensação e ação dos gêneros em cada geração (Borges & Magalhães, 2011).

Conforme pode ser observado nos genogramas familiares, todas as participantes estão entre os filhos mais velhos em suas famílias de origem. A1 é a 3ª filha de nove irmãos e a 2ª mulher. A2 é a 3ª filha de cinco irmãos e a 1ª mulher. A3 é primogênita de três irmãos. B1 é a 5ª filha de 11 irmãos e a 2ª mulher. B2 é a primogênita de oito irmãos

e B3 é a primogênita de três irmãs. Conforme Bowen (1989), a posição de nascimento dos filhos pode interferir na maneira como as pessoas constroem características de sua personalidade e seu repertório de comportamentos. Especialmente as participantes A3, B2 e B3 trouxeram falas a respeito da vivência como primogênicas e da necessidade que sentiam de cuidar dos irmãos muitas vezes como se tivessem responsabilidade parental sobre eles.

Apesar das diferenças geracionais encontradas nos resultados deste estudo, as respostas das participantes sobre a temática da família e do casamento permaneceram muito próximas, mesmo quando comparadas entre famílias ou entre gerações. Em muitos momentos, percebeu-se que a ideia de família e de casamento se apresentava construída conjuntamente e entrelaçada, com ideias bem semelhantes sobre quais valores são essenciais para constituir e manter esses vínculos, o que ressalta a interligação dessas duas instituições no pensamento e na vivência, além da evidência de uma bagagem que é transmitida entre as gerações e compartilhada de diversas maneiras, sejam elas verbalizadas ou não.

Respeito, amor e paciência estiveram entre esses valores amplamente citados ao longo das seis entrevistas. A família apresenta-se como o principal agente de socialização, de modo que os modelos familiares e sociais de relacionamento funcionam como bagagens transmitidas entre as gerações. Dessa forma, os padrões relacionais partem de modelos já conhecidos, sejam eles repetidos, transformados ou evitados (Zordan, Falcke, & Wagner, 2014).

A malha transgeracional de transmissão exerce interferência relevante na escolha e na manutenção das relações conjugais contemporâneas (Silva, Rocha, Bobato, Becker, & Lorenzetti, 2015). Os pais assumem um importante papel na vida dos filhos, sendo os primeiros a estabelecer relações de afeto (Menezes & Lopes, 2007). A conjugalidade dos pais é uma referência nesse sentido, pois oferece modelos de como ser casal, mesmo que para serem seguidos ou evitados pelos filhos, oferecendo mensagens, explícitas ou não,

que são transmitidas transgeracionalmente no processo de escolha do cônjuge (Scorsolini-Comin et al., 2015; Zordan, Falcke, & Wagner, 2014).

A identificação com a trajetória conjugal dos pais e com a história familiar foi ressaltada entre as participantes deste estudo e foi encontrada tanto em relação ao pertencimento quanto à diferenciação com a família, de modo que o compartilhamento de experiências cotidianas, a aprendizagem de comportamentos por observação, a comunicação verbal ou informal de valores e expectativas, as tradições familiares e os padrões de interação e comunicação entre os membros da família foram evidenciados como mecanismos que participaram da transmissão transgeracional de significados e padrões conjugais na família.

A etapa de união das famílias através do casamento não resulta somente em juntar duas pessoas, mas sim transformar dois sistemas diferentes de maneira a comprometê-los com o novo casal formado e modificar sua organização. Essa união conjugal exige um redimensionamento do sistema familiar e uma ampliação dos papéis exercidos. Além disso, é possível que as experiências com as próprias famílias de origem influenciem a escolha do parceiro e o equilíbrio da conjugalidade (McGoldrick, 2011).

Responsável, né? Família, era carinhoso com a mãe, com a irmã. (...) Então isso que me chamou atenção nele. (A2, 52 anos).

Você vê que ele é muito carinhoso com os pais. Isso foi uma coisa que eu sempre observei. Porque geralmente um bom filho é um bom marido, né? (...) é uma pessoa muito honesta, muito trabalhadora, né?. (A3, 28 anos).

O papai falava só assim (...) Que a gente não sabe qual é o que tem estrela de ouro na testa, mas precisava de escolher também um cadinho, né? Não podia ser com um rapaz perdido. Porque (...) se ele for bonito e não trabalhar, o que adianta casar? Casar pra sofrer? Não! (B1, 90 anos).

A escolha conjugal apresenta-se como um processo dinâmico e influenciado por aspectos históricos e sociais (Pereira & Silva, 2013). Os dados das entrevistas trouxeram

muitas semelhanças entre as mulheres de ambas as famílias sobre a escolha do parceiro, o que ressaltou a permanência da família de origem como um grupo influente nesse processo. Apesar de diferenças também terem sido observadas na fala das participantes do presente estudo, essas mudanças apareceram mais no sentido de incorporar valores novos do que abandonar os antigos, o que também foi encontrado no estudo de Pereira e Silva (2013) sobre a escolha conjugal feminina. Outro fator observado nas falas das participantes foi a valorização do sentimento para a escolha do parceiro como fator fundamental para a vivência amorosa, conforme Mata e Scorsolini-Comin (2022) encontraram como um dado em crescente tendência nas últimas décadas.

As entrevistadas tiveram dificuldade de verbalizar sobre uma influência direta dos pais na escolha conjugal, apesar da compreensão de haver um compartilhamento em família sobre características reforçadas pelo grupo e socialmente para a eleição de um “*bom cônjuge*”. Ressalta-se, assim, que a transmissão entre gerações ultrapassa as fronteiras familiares e também é perpassada pelos valores culturais da sociedade em que a família está inserida.

O presente tema ressaltou a influência da família na construção do vínculo conjugal pelas participantes e no processo de escolha conjugal, ambos permeados por mensagens transmitidas transgeracionalmente pelas gerações antecedentes. Os legados familiares apresentaram-se como pontos comuns de partida, a partir dos quais as entrevistadas buscaram caminhar com o intuito de manter o que consideraram como influência positiva em sua experiência familiar e transformar ou evitar o que consideraram negativo.

O casamento como um atualizador de heranças familiares

Embora as pessoas busquem funcionar de forma diferente de suas famílias de origem, isso pode ser uma tarefa difícil devido à tendência dos filhos em repetir os modos de funcionamento dos pais (Wagner, Predebon, & Falcke, 2014), que assumem

importante papel por serem referências de como ser um casal para as gerações seguintes. Muitas semelhanças foram encontradas a respeito da construção da conjugalidade das participantes ao longo das gerações, sendo algumas dessas repetições evidenciadas por elas mesmas durante as entrevistas: *“no decorrer da nossa entrevista cê vai sentir que a história se repete, né? Comigo, com as minhas meninas.”* A2, 52 anos. A fala da A2 ilustra a ideia dessa categoria temática, de que a história familiar acaba se repetindo entre as gerações e pode ser atualizada com o casamento.

Sempre quis casar, sempre quis ter filho. E isso veio dos meus pais. Minha mãe ela sempre falou, sempre acreditou muito e preservou o casamento. Isso veio da minha avó, minha avó casou muito nova, eu acho que ela tinha 17. Minha mãe também casou nova, com 22. E eu casei com 23, nova também. (A3, 28 anos).

Porque os meus dois filhos casaram muito cedo e eu não impedi isso. (...) e eu pensei ‘Ah! Vou deixar casar, porque pelo menos tiro da rua!’ (A1, 74 anos).

Diversos motivos foram citados pelas participantes como fatores de influência para se casarem, entre eles a preservação da instituição conjugal, como pode ser visto no trecho anterior. As primeiras gerações indicaram o casamento como uma tarefa necessária na construção da vida, dando a sensação de que as opções se resumiam a trabalhar e constituir família, sem haver muito espaço para planejamentos individuais. A segunda geração também indicou uma influência considerável desses papéis sociais e expectativas para o casamento, porém com algumas transformações sobre as possibilidades individuais. Em contrapartida, a terceira geração parece não ter sofrido essa mesma pressão, considerando os relatos de incentivo à independência e estudo trazidos por A3 e B3.

Isso foi uma coisa que meus pais sempre me falaram. ‘Oh, pra você começar uma vida, procura começar com menos dificuldades, né? Já tem que ter uma estabilidade (...) Porque ninguém vive de amor, né?’ (A3, 28 anos).

Os motivos que levam uma pessoa a se casar e o que vai buscar de características no cônjuge são aspectos afetados pelos padrões familiares. Entender o padrão de repetição no funcionamento familiar permite a compreensão de como a família se adapta à situação que vivencia e pode permitir a atualização dessas experiências (McGoldrick et al., 2012). Conforme ressaltado anteriormente, a família apresenta-se como um meio privilegiado de transmissão de conteúdos entre as gerações, sendo que esse processo pode ocorrer de diversas maneiras, entre elas a partir da identificação com a história familiar que propicia o compartilhamento de experiências relacionadas ao dia a dia do grupo, da aprendizagem de comportamentos ao observar a realização de outras pessoas, da comunicação verbal ou informal de valores e expectativas familiares ou mesmo o silenciamento de conteúdos psíquicos relevantes, dos padrões relacionais desenvolvidos e mantidos entre os membros da família, assim como o exercício das tradições familiares. Esses modos de transmissão foram evidenciados em diversos estudos, não só relacionados à conjugalidade, mas de experiências familiares em geral (Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2022; Gutierrez et al., 2014; Raudino, Fergusson, Woodward, & Horwood, 2013; Rossano, 2012).

A influência dos padrões emocionais da família apareceu também na forma como as participantes buscaram resolver seus conflitos conjugais. Elas ressaltaram que, em muitos momentos de dificuldade no casamento, a responsabilidade com a família que construíram era um importante fator para “*respirar mais um pouco*” (B3, 36 anos), cumprir o que consideravam como seu dever como mães e esposas e manter o relacionamento ao longo dos anos. Esse dado também foi encontrado nos estudos de Alves-Silva et al. (2017) e Grizólio et al. (2020) que investigaram os motivos para manter um casamento de longa duração.

Em relação à manutenção dos relacionamentos conjugais, a literatura científica não apresenta um número exato de anos para considerar um casamento como duradouro (Alves-Silva et al., 2017). Considerando que no contexto brasileiro a média

de duração dos casamentos é de 15 anos (IBGE, 2016), pode-se dizer que os casamentos de cinco das seis participantes do presente estudo são considerados de longa duração e, como tal, já passaram por diversas fases do ciclo vital familiar. A exceção é a participante A3, que está casada há cinco anos.

Até hoje não teve uma separação, é tudo casado, graças a Deus... Eu falo (...) 'Não vai procurar coisa errada não! Deixa. Se tiver coisa errada aparece!'. (A1, 74 anos).

Casamento a gente tem que pensar! 'Oh, tá casando (...) pra levar uma vida de casado, não vai levar uma vida de brigaiada, não!', isso aí eu acho que é errado! (B1, 90 anos).

Porque os meus filhos nunca presenciaram uma briga, nunca viram! Tanto que quando eu vejo discussão entre eles, eu falo 'Não sei onde vocês aprenderam, porque não foi comigo!' (A1, 74 anos).

Ah, eu acho elas tão sem paciência (risos). Às vezes eu falo (...), mas eu procuro não intrometer muito, porque... casamento de filho você só entra quando precisa mesmo. (B2, 63 anos).

As brigas foram citadas por elas como fatores negativos dos relacionamentos das gerações mais novas, o que incluiu o casamento de suas filhas. As primeiras gerações indicaram considerar como um ponto positivo do seu casamento o fato de não haver brigas, assim como acontecia no casamento de seus pais, já que "*não tinha briga porque a mãe não era de briga*", ressaltando o comportamento submisso das mulheres diante dos maridos, independentemente da gravidade dos problemas vivenciados em família. As participantes mais novas indicaram que uma bagagem transgeracional que fizeram esforço para transformar foi essa submissão e não imposição de si como alguém de valor e vontade própria.

Elas indicaram entender o silenciamento como uma característica negativa, pois o compreendem como uma evitação/negação das pendências e não como uma maneira de resolver os conflitos. É possível considerar que essa decisão por silenciar e evitar

conflitos tenha sido mais uma condição imposta pela cristalização de papéis, aos quais elas acabaram submetidas, do que uma escolha que trazia felicidade (Borges & Magalhães, 2011). Essa ideia apareceu no relato a seguir:

Eu optei por ficar quieta e criar os filhos e deu certo, a gente tá junto até hoje. Passou. Mas, talvez se eu fosse uma pessoa que tivesse estudo, tivesse uma profissão, talvez eu não tivesse suportado. (A1, 74 anos).

A oportunidade de vivenciar outras possibilidades na construção da vida além de casar e ter filhos parece ampliar as condições de resolver os conflitos conjugais e familiares. A escolaridade e a profissionalização emergem como possibilidades negadas às mulheres das primeiras gerações, de modo que a conjugalidade e a parentalidade centralizaram seus desejos ou reafirmaram lugares que lhes eram destinados socialmente. O acesso ao estudo e ao mercado de trabalho, à época, era considerado exclusividade masculina, de modo que era complexa a tarefa de uma mulher transitar nesses espaços essencialmente ocupados por homens. O próprio relacionamento conjugal pode transformar as bagagens trazidas das famílias de origem, como pode ser observado nas falas a seguir.

Não (vejo isso no casamento da minha filha), graças a Deus. (...) ela fala o que ela tem vontade. (...) Mas ele não tem essa pressão em cima dela que eu tive. (...) ela fala e eu penso 'gente, se fosse eu falando isso, ia dar tanta confusão', (...) Então isso ela já libertou (risos), assim como eu libertei de algumas coisas que minha mãe, né? Eu acho que vai fluindo, mas muita coisa repete, viu? (A2, 52 anos).

Eu acho que o começo, igual eu falei da minha avó e do meu avô, que a mulher tinha que ser submissa ao homem. (...) hoje em dia não. Hoje em dia, se eu tenho razão, é eu que falo (...), então eu não sou tão submissa igual era no começo. (B3, 36 anos).

A partir dessas falas, pode-se compreender que mudanças importantes foram se estabelecendo nessas famílias a partir do maior acesso dessas mulheres ao mercado de

trabalho e à escolarização. Ainda que essas alterações não tenham ocasionado rupturas em relação ao modo de conceber o casamento e mesmo o desejo pela conjugalidade, o que pode evidenciar o poder da transmissão entre essas gerações, considera-se a emergência de uma maior capacidade reflexiva para pensar o lugar da mulher na sociedade e os elementos que compõem a individualidade dessas mulheres, para além da composição do casal (Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2022). Essas reflexões, no entanto, ainda se mostram insuficientes para romper com os aspectos negativos do ciclo da transmissão, o que nos leva a afirmar que as reflexões sociais e culturais sobre gênero devem considerar a influência do microsistema família e as suas transformações ao longo do tempo.

Considerações finais

Partindo-se do pressuposto que o nível de diferenciação da família de origem e os padrões familiares de relacionamento transmitidos entre as gerações interferem na maneira como as pessoas significam e vivenciam a conjugalidade, considera-se que destacar a história transgeracional das famílias, as transformações influenciadas pelo cotidiano dos casais, das gerações e das demandas individuais pode facilitar a compreensão da influência familiar na atribuição de significados à conjugalidade, o que se mostra importante pelo reflexo direto que os grupos familiares exercem na organização da sociedade. Este estudo destacou a importância de sensibilizar o olhar para as questões transgeracionais e de gênero, a fim de entender a transmissão de conteúdos como uma maneira que a família tem de manter sua construção e seu legado. A partir dos achados deste estudo, destaca-se que o seu objetivo central, ou seja, o de compreender de que modo os significados atribuídos ao casamento são transmitidos entre três gerações familiares, foi alcançado.

Os achados deste estudo qualitativo sugeriram o casamento como uma experiência transmitida transgeracionalmente, em consonância com a literatura

sistêmica. Foram observadas continuidades e rupturas entre as gerações entrevistadas sobre as práticas conjugais e familiares, como um espaço maior às individualidades e uma despadronização das trajetórias de vida, de modo que os pais foram considerados importantes referências sobre conjugalidade e família, mesmo que esses modelos tenham sido repetidos, transformados ou evitados. Desse modo, o estudo ajudou a reforçar o papel referencial da história das famílias na vida das pessoas, e não determinista como poderia sugerir. Esses resultados enfatizam a influência da herança familiar sobre os padrões relacionais transmitidos transgeracionalmente, o que deve continuar balizando os estudos sobre família, conjugalidade e gênero.

Uma dificuldade metodológica encontrada neste estudo foi o acesso a três membros de três gerações de uma mesma família. Mesmo diversificando as estratégias de recrutamento, esse processo revelou-se complexo por diferentes motivos, entre eles a necessidade de construção coletiva do genograma, em que as participantes das três gerações deveriam estar presentes, e mesmo pela localização dessas participantes potenciais, haja vista que nem sempre em todas as gerações o casamento havia se mantido.

É importante considerar analiticamente outros marcadores interseccionais que podem atravessar essa transmissão, como as questões de gênero, de raça/cor, origem, escolarização, aspectos socioeconômicos, profissão/ocupação, as sexualidades, entre outras. É mister ampliar o espaço para a discussão desses elementos e também da própria capacidade de apreensão das mudanças observadas na família pelas pesquisas nesse campo. Pesquisas e pesquisadores(as) precisam cada vez mais estar engajados na tarefa de retratar e refletir de modo crítico sobre esses movimentos.

Espera-se que estudos vindouros no campo da Psicologia da Família possam endereçar melhor esses elementos, em uma compreensão sistêmica dos mesmos no contexto da transmissão transgeracional. Além disso, considera-se também que este estudo reforça a importância de narrativas que privilegiem o grupo familiar, e não

somente os indivíduos, incentivando estudos na área que possam repetir a mesma proposta metodológica ou, ainda, buscar compreender a transgeracionalidade entre diferentes gêneros e gerações, ou também entre ambos os pais e seus filhos.

Referências

- Alves-Silva, J. D. & Scorsolini-Comin, F. (2022). A transgeracionalidade do feminino na família: estudo de caso com três gerações de mulheres casadas. *Revista de Psicologia UFC*, 13(2), 153-167. <https://doi.org/10.36517/revpsiufc.13.2.2022.11>
- Alves-Silva, J. D., & Scorsolini-Comin, F. (2021). Transmissão transgeracional de padrões conjugais e familiares: implicações para o cuidado em saúde. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 30(70), 77-92. <https://doi.org/10.38034/nps.v30i70.570>
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Bodas para uma vida: motivos para manter um casamento de longa duração. *Temas em Psicologia*, 25(2), 487-501. <https://doi.org/10.9788/TP2017.2-05>
- Azevedo, L. J. C. (2022). Transgeracionalidade, família e origem: um ensaio preliminar sobre as patologias da herança. *CES Psicologia*, 15(1), 201-216. <https://doi.org/10.21615/cesp.5844>
- Borges, C. C., & Magalhães, A. S. (2011). Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. *Estudos de Psicologia*, 16(2), 171-177. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2011000200008>
- Bowen, M. (1989). *La terapia familiar en la practica clinica. Vol. I - Fundamentos teóricos*. Bilbao: Editorial Desclee de Brouwer.
- Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport*, 11(1), 1-9. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2011). *A mudança do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Colossi, P. M., Marasca, A. R., & Falcke, D. (2015). De geração em geração: a violência conjugal e as experiências na família de origem. *Psico*, 46(4), 493-502. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.4.20979>
- Coutinho, S. M. S., & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: “que seja terno enquanto dure”. *Psicologia Clínica*, 22(2), 83-106. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000200007>
- Falcke, D. & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Féres-Carneiro, T. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 3-15.

- Grizólio, T. C., Santos, M. A., & Scorsolini-Comin, F. (2020). Razões para a manutenção do laço conjugal diante de eventos críticos em casamentos longevos. *Contextos Clínicos*, 13(3), 762-785. <https://doi.org/10.4013/ctc.2020.133.03>
- Gutierrez, I. A., Goodwin, L. J., Kirkinis, K., & Mattis, J. S. (2014). Religious socialization in african american families: the relative influence of parents, grandparents, and siblings. *Journal of Family Psychology*, 28(6), 779-789. <https://doi.org/10.1037/a0035732>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016). *Estatística do Registro Civil 2016*. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2016_v43_informativo.pdf
- Mata, J. J., & Scorsolini-Comin, F. (2022). Conjugalidade e parentalidade adotiva em casais de gays e lésbicas: costuras a partir da transmissão psíquica. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 40(2), 1-16. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.7897>
- McGoldrick, M. (2011). A união das famílias através do casamento: o novo casal. In B. Carter, & M. McGoldrick (Orgs.), *A mudança do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed.), (pp. 184-205). Porto Alegre: Artmed.
- McGoldrick, M., Gerson, R., & Petry, S. (2012). *Genogramas: avaliação e intervenção familiar* (3a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Pereira, C. V. G., & Freitas, M. C. A. (2020). Transmissão psíquica geracional vinculada com as dimensões de repetição e transformação. *Ágora*, 23(1), 103-110.
- Pereira, I. S. A., & Silva, J. C. (2013). Escolha conjugal feminina: uma análise intergeracional segundo uma perspectiva crítica em Psicologia. *Psicologia em Estudo*, 18(3), 407-417. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722013000300003>
- Quissini, C. & Coelho, L. R. M. (2014). A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando Famílias*, 18(2), 34-47.
- Raudino, A., Fergusson, D. M., Woodward, L. J., & Horwood, L. J. (2013). The intergenerational transmission of conduct problems. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 48, 465-476. <https://doi.org/10.1007/s00127-012-0547-0>
- Razera, J., Bedim, L. M., Mosmann, C. P., & Falcke, D. (2022). Família de origem e conjugalidade: considerações sobre a direcionalidade da violência. *Revista da SPAGESP*, 23(1), 30-43.
- Rossano, M. J. (2012). The essential role of ritual in the transmission and reinforcement of social norms. *Psychological Bulletin*, 138(3), 529-549. <https://doi.org/10.1037/a0027038>
- Schulz, C., & Colossi, P. M. (2020). A transmissão transgeracional dos modelos conjugais. *Pensando Famílias*, 24(1), 45-64.
- Scorsolini-Comin, F. (2016). *Técnicas de entrevista: método, planejamento e aplicações*. São Paulo: Vetor.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2016). Construir, organizar, transformar: considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. *Psicologia Clínica*, 28(1), 141-160.

- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., Barroso, S. M., & Santos, M. A. (2015). Relações entre conjugalidade dos pais, conjugalidade dos filhos e bem-estar subjetivo. *Psico-USF*, 20(3), 481-492. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200310>
- Silva, E. C., Rocha, R., Bobato, S. T., Becker, A. P. S., & Lorenzetti, N. (2015). Heranças psíquicas geracionais e a conjugalidade contemporânea: uma revisão sistemática. *Pensando Famílias*, 19(1), 19-31.
- Tondowski, C. S., Feijó, M. R., Silva, E. A., Gebara, C. F. P., Sanchez, Z. M., & Noto, A. R. (2014). Padrões intergeracionais de violência familiar associada ao abuso de bebidas alcoólicas: um estudo baseado em genogramas. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 27(4), 806-814. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427421>
- Tong, A., Sainsbury, P. & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 19(6), 349-357. <https://doi.org/10.1093/intqhc/mzm042>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas, Campinas*, 22(44), 203-220.
- Wagner, A., Predebon, J., & Falcke, D. (2014). Transgeracionalidade e educação: Como se perpetua a família? In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 93-105). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (5a ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2014). Copiar ou (re)criar? Perspectivas histórico-culturais do casamento. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 47-65). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Submetido em: 02.02.2022

Aceito em: 21.11.2022